Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte Jornal do Brasil Class.: 333
Data 28 de novembro de 1987 Pg.:

Tiuré, um pássaro na Fundação Ford

Índio protesta tirando a roupa, escandaliza americanos e põe moças a correr

Jorge Antonio Barros

Índio nu em aldeia não é novidade alguma, mas encontar um aborígine como veio ao mundo, todo pintado de vermelho, na sala de estar da Fundação Ford, no Flamengo, em plena manhã de um dia útil, foi um verdadeiro choque não apenas para o representante da instituição no Brasil, o antropólogo Peter Fry, como, principalmente, para as funcionárias. Elas deixaram o escritório indignadas com a atitude do potiguar Tivre (nome de pássaro), que chegara vestido e saiu despido do banheiro, para protestar contra a entidade.

Tiuré deu seu *grito de guerra* às 9h30min, quando se sentou no carpete bege da sala de estar, iniciando a greve de fome que durou oito horas, até que aceitou um *cessar-fogo* proposto por Peter Fry, após três horas de negociações. Tiuré, 38 — cujo nome de batismo cristão é José Humberto Nascimento —, explicou que o protesto foi motivado pela recusa da Fundação Ford em financiar um seu projeto indigenista dele, além do "fascismo das entidades que se dizem indígenas".

Golpe branco — Com o corpo pintado de vermelho pelo urucum (semente vegetal para tintura, "que representa saúde, força e vida e, ao mesmo tempo, guerra e morte"), Tiuré denunciou o que chama de "um golpe branco contra o índio", através de entidades indigenistas como a UNI (União das Nações Indígenas), CTI (Centro de Trabalho Indigenista), Cedi (Centro Ecumênico de Documentação Indígena) e Comissão Pró-Índio.

Sediadas em São Paulo, essas entidades indigenistas estão — segundo Tiuré — promovendo uma política paternalista, "manipuladas por interesses pessoais de gente que não tem representatividade das tribos indígenas". O índio acusou o representante da UNI, Ailton Krenac, de não ter sido eleito pela comunidade indígena e pleitear um "cargo vitalício com mordomias à custa dos índios".

Formado em Comunicação Visual na *Saskatchewan Indian Federated College* (uma universidade indígena no Canadá) — com bolsa fornecida pela Fundação Ford —, Tiuré, residente em São Paulo, protestou por seu projeto ter sido rejeitado pela fundação, em virtude de estar desvinculado de qualquer instituição indigenista. Mesmo destacando que é uma política da fundação dar preferência a projetos de pesquisa apresentados por estudiosos vinculados às instituições, o representante da Ford Foundation, Peter Fry, aceitou reavaliar a recusa ao projeto de Tiuré, desde que ele procure apoio de cientistas do Museu do Índio. O projeto dele trata da cultura visual indígena.

Estranho no Ninho — Antes de chegar a um acordo com Tiuré, Peter Fry — inglês naturalizado brasileiro, há 17 anos no país — certamente ganhou cabelos brancos enquanto imaginava como resolver o impasse: um índio nu que prometia não arredar pé, enquanto não fosse esclarecida a causa da recusa do projeto. Desde o início, Fry garantiu que não recorreria à polícia. Mesmo porque seria difícil enquadrar o índio em atentado ao pudor: "Estou vestido com a cor da minha tribo", alegava Tiuré.

Quem não compreendeu muito os costumes da tribo de Tiuré foram as funcionárias da Fundação Ford (instituição privada sem fins lucrativos, com sede em Nova Iorque). Elas ficaram horrorizadas na Praia do Flamengo, 100, 12° andar do Edifício Porto dos Cisnes, onde funciona a instituição.

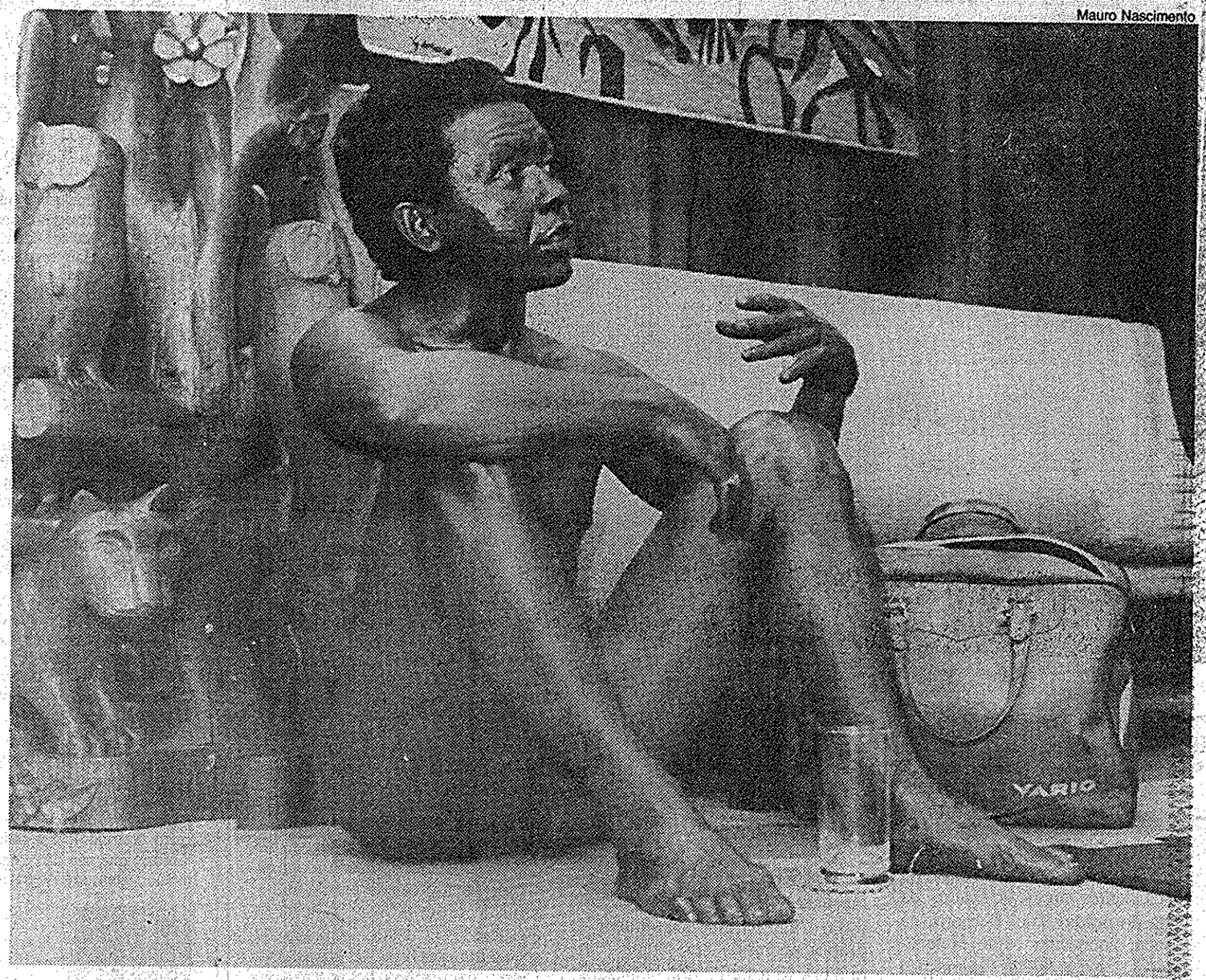
A recepcionista Ana Lúcia deixou imediatamente o *living*, sem confirmar se já vira um índio nu. Outra funcionária, Sônia Matos, passava pela sala aparentando naturalidade, mas com o cuidado de não olhar para o chão, onde Tiuré ficou de cócoras, encostado numa escultura em madeira com motivos silvestres (gatos e corujas), assinada por Adão. O índio bebeu apenas um copo d'água. Era o próprio estranho no ninho. Foi ao banheiro uma vez e retornou ao posto, sujando de vermelho o tapete.

— Não fiquei chocada com a nudez, mas com a atitude agressiva dele — protestou Priscila Kritz, há 17 anos na Fundação e secretária de Peter Fry.

Inicialmente, ela tentou despachar o homem ainda vestido. Tiuré resolveu, então, esperar Fry despido. O antropólogo aceitou dialogar com o índio nu, embora tenha considerado a atitude "uma afronta". Mais preocupado estava o funcionário João Cruz, que deveria ficar na sede da fundação, caso Tiuré não saísse de lá, como prometera:

— O que vão dizer de mim depois que eu passar o fim de semana com um índio *pelado* nesse escritório — indagava ironicamente *seu* João.

Para sorte dele, após três horas de conversa com o pessoal da fundação, Tiuré concordou com a trégua. Tomou um banho para tirar do corpo a tinta e o óleo de coco (o relógio Cardinal, de pulso, também ficou sujo), vestiu a calça de brim e a camisa branca, calçou o Kichute e foi embora. Sem cueca.



Nu, Tiuré fazia referência à pintura do corpo: "Estou vestido com a cor da minha tribo"

Um lutador pela raça que cultiva aversão à Funai

O primeiro contato de Tiuré com a civilização ocorreu quando ele tinha 5 anos, através de um padre que o batizou como José Humberto Nascimento, perto da aldeia potiguar, na Baía da Traição, litoral paraibano. Nascido em 1949, filho de índios a caminho da *aculturação*, Tiuré desde cedo começou a lutar pela raça indígena. Conta que foi torturado pela polícia no Nordeste e perseguido por latifundiários, por liderar a primeira demarcação de terras indígenas pelo próprio índio.

São 22 mil hectares de reserva, demarcados com o sangue de gente da tribo potiguar, que reúne atualmente 2 mil 200 índios, na Paraíba. A demarcação, segundo Tiuré, foi reconhecida pelo Governo Figueiredo, em 1984. Mas a luta pela terra ainda é motivo de disputas, às vezes armadas, com plantadores de cana e usineiros do Nordeste. Fotógrafo e documentarista, Tiuré já passou pelo Funai, como chefe de posto indígena na década de 70, mas não acredita em nenhuma entidade indigenista:

— Todas essas entidades que dizem defender o índio tiveram sua política deturpada a partir do momento que aceitaram a participação do governo da abertura democrática. Elas se venderam em troca de mordomias e poder econômico às custas do índio, que está na tribo e não sabe de nada — denuncia Tiuré. Ele não é eleitor, mas tem uma sugestão para a Funai:

— Se eu fosse o seu presidente, meu primeiro ato seria extinguí-lo, mesmo que eu fosse o primeiro a ficar sem emprego.

Com o segundo grau concluído nos centros urbanos, Tiuré se formou em Comunicação Visual na universidade indígena do Canadá, onde esteve entre julho e dezembro do ano passado, com bolsa financiada pela Fundação Ford. Na University of Regina, diz ter realizado o sonho de encontrar índios como alunos e professores. Durante o curso, produziu 700 fotos e oito horas de vídeo em tribos indígenas canadenses. E quer fazer o mesmo no Brasil, porém mal pode sustentar a mulher e dois filhos. Mas Tiuré é índio de fibra, teimoso. E ai do branco que duvidar disso.